

João Frederico Rickli O trabalho etnográfico é fruto da relação entre as características do grupo estudado e a apropriação que delas pode fazer o antropólogo. No caso de *Inimigos Fiéis*, junto à grande quantidade e qualidade das informações, a especificidade do grupo – os Parakanã – permite a Carlos Fausto uma contribuição relevante para o estudo da guerra ameríndia e uma crítica consistente às teorias que, de uma forma ou de outra, acabam por negar às sociedades ameríndias o estatuto de sujeito, descrevendo-as ora como selvagens violentos e descontrolados, ora como vítimas passivas da conquista e da colonização européias.

O livro pode ser dividido em duas partes distintas, de acordo com o foco da análise e com o método expositivo. Na primeira parte, a discussão se dá em torno da comparação entre os dois diferentes blocos em que se dividiram os Parakanã. Partindo da reconstituição histórica do grupo (capítulo 1), baseada tanto em depoimentos nativos quanto em pesquisa documental, o autor vai explicitando os diferentes modos como os dois blocos se definem em relação à economia (capítulo 2), à morfologia social e à estrutura política (capítulo 3). Através desta forma de abordagem, privilegiando a comparação entre parakanãs orientais e ocidentais, Fausto estrategicamente utiliza esta divisão para se contrapor a algumas teorias correntes sobre as sociedades amazônicas. Em suas palavras: “A comparação entre os blocos ocidental e oriental tem aqui o papel de *test-case*, pois podemos acompanhar com informações etno-históricas consistentes a construção de duas formas sociais distintas a partir de uma unidade original.” (:152-153)

No segundo capítulo, destacando a origem única e acrescentando a ela a similaridade entre os ambientes habitados pelos dois blocos, o autor compõe um quadro exemplar para a crítica ao determinismo ecológico e ao suposto caráter

regressivo do nomadismo sul-americano, demonstrando porque os Parakanã ocidentais abandonam progressivamente a horticultura e aumentam sua mobilidade, dedicando-se quase que exclusivamente a uma caça extremamente seletiva, enquanto os orientais desenvolvem as duas atividades e apresentam um grau mais elevado de sedentarização. No contexto das sociedades amazônicas, o caso Parakanã permite a Fausto lançar luz sobre os fatos obscurecidos pelo modelo regressivo, entre os quais cita três: 1) o (suposto) estágio inicial, alterado por uma força exógena (normalmente a conquista e a colonização européias) é uma hipótese heurística; 2) esta força exógena não é homogênea e 3) o (suposto) objeto é um objeto-sujeito (:174).

No capítulo 3, a comparação entre os blocos enfatiza o plano da morfologia social e da política, com a oposição entre, por um lado, a patri-segmentação e a instituição de chefia (orientais), e por outro a indiferenciação e a acefalia (ocidentais). Fausto localiza nas formas diferentes de constituição de alteridade a razão dos caminhos opostos tomados pelos dois blocos parakanã. Enquanto os orientais diferenciam-se em patriclãs, a partir de um menino e algumas mulheres raptadas no final do século XIX (no que seria um início histórico da diferenciação, simultaneamente mítico e “real”), os ocidentais se dedicam ao rapto de mulheres, encontrando no exterior a alteridade. Este seria o princípio da diferenciação entre os blocos, que põe em evidência que a história das sociedades indígenas pós-conquista não é um mero processo de descaracterização impulsionado por forças exógenas, mas um campo de interação destas forças com dinâmicas internas, movimentadas por atores culturalmente informados (:176). Postulando o político como “apropriação excludente da representação da totalidade” (:241), e apoiado na tradição dialética moderna e em sua distinção entre posição e pressuposição, o autor apresenta os dois modos divergentes da política parakanã: a constituição de uma esfera pública a partir da *tekatawa* (“praça” onde se reúnem os homens) entre os orientais, e a conjuração desta e sua corrupção enquanto posição (não enquanto pressuposição) entre os ocidentais. Partindo de sua interpretação do caso parakanã, Fausto propõe um contraponto às visões correntes da dicotomia entre doméstico e político nos estudos ameríndios. Abre assim novas possibilidades de análise graças tanto à distinção entre ilusão e aparência objetiva nos casos denominados por D. Maybury-Lewis (et ali.) como “sociedades dialéticas” do Brasil Central (:244-245) como aos conceitos de posição e pressuposição em relação às sociedades minimalistas do escudo das Guianas (:246-247).

Na segunda parte do livro, a partir do capítulo 4, o foco narrativo se desloca da comparação entre os dois blocos (embora esta ainda esteja presente) à elaboração de uma teoria das relações exteriores dos Parakanã, descrevendo-as através de um esquema denominado por Fausto “predação familiarizante”, englobando a guerra (cap. 4), o xamanismo (cap. 5), os rituais (cap. 6) e a relação com os brancos (cap. 7). A comparação entre diferentes grupos ameríndios, tupi sobretudo, ganha importância na formulação de uma teoria geral sobre a guerra indígena como forma de sociabilidade voltada ao exterior e seu papel na produção e reprodução interna de corpos e

pessoas. Fausto usa aqui o conceito de “consumo produtivo”, pensando a guerra e o ato homicida para além da perda, mas como reconhecimento, qualificação e resgate da subjetividade do inimigo “para que se possa consumir sua diferença” (:329). Através deste conceito, esboça uma crítica ao englobamento da guerra pela reciprocidade e sua conseqüente redução à fórmula sintética do dom (:323).

No quinto capítulo, o autor descreve o xamanismo como outra face das relações do grupo com o exterior, intimamente ligado ao aspecto produtivo da predação guerreira, conforme o esquema da predação familiarizante. Apenas o guerreiro é capaz de sonhar, e nos sonhos familiariza seus inimigos oníricos, com quem estabelece uma relação senhor-xerimbabo, e de quem recebe nomes e cantos. Alguns destes últimos são chamados jaguares e doados a outro matador para que os execute no ritual do *opetymo*. Ao abordar, no capítulo 6, os principais rituais parakanã, o autor completa a descrição do esquema de funcionamento do sistema de produção de pessoas e subjetividades que centram a prática social do grupo: a predação familiarizante.

“a) a predação guerreira não estabelece uma relação entre o matador e o espírito da vítima, mas abre a possibilidade de aquele se relacionar com os inimigos (*akwawa*) por meio do sonho; b) no sonho, familiarizam-se inimigos em geral e deles cantos que são xerimbabos do sonhador; c) esses cantos precisam ser reinimizados para poderem ser mortos ritualmente, por isso são dados a uma terceira pessoa; d) no *opetymo*, essa pessoa – representando tanto o inimigo-vítima, como o parente-executor – mata o canto-jaguar. (:440)”

Após traçar e detalhar este modelo, Fausto generaliza seus resultados através da comparação entre diferentes rituais ameríndios.

Completando a descrição das relações exteriores dos parakanã, o sétimo capítulo descreve o lugar que ocupam os brancos e seus artefatos no interior do sistema conceptual do grupo. Analisando alguns mitos e os relatos históricos dos encontros com os brancos, o autor retoma em alguma medida a comparação entre os blocos e a perspectiva histórica da primeira parte do livro. A conclusão de que os brancos foram associados ao demiurgo e/ou aos grandes xamãs, permite a Fausto uma incursão no debate em torno da assimilação dos europeus aos deuses nativos. O autor não é conclusivo sobre o tema, destaca sua complexidade e afirma que é incontestável que a assimilação dos conquistadores às divindades seja uma idéia pervasiva na história colonial narrada pelos europeus, mas que isso não implica na completa estranheza da idéia entre os conquistados (:486). Fausto encerra destacando algumas das problemáticas levantadas pelo trabalho que apontam para questões ainda sem uma resposta satisfatória, deixando aberto o caminho para pesquisas futuras.

João Frederico Rickli é mestrando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFPR.